



INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ASPECTRO AUTISTA E A AUTOEFICÁCIA DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Rafaela Ferreira de Oliveira¹, Elisa Bueno Pires², Mariana Leal Tobias dos Reis³, Mirian Ueda Yamaguchi⁴

1 Acadêmica do Curso de Medicina, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista PIBIC/CNPq- UniCesumar. rafaelafe588@gmail.com

2 Acadêmica do Curso de Medicina, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista PIBIC Fundação Araucária, PIBIC UniCesumar. elisabuenopires@outlook.com

3 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde – UNICESUMAR. mariana.leal.psicologa@gmail.com

4 Orientadora, Doutora, Docente do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, UNICESUMAR. Pesquisadora do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. miriaanueda@gmail.com

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento que surge na infância e afeta a comunicação e a interação social, variando em intensidade e sintomas entre os indivíduos. No Brasil, a inclusão de estudantes com TEA na educação regular é uma exigência legal, porém, desafios persistem quanto à qualidade dessa inclusão e à preparação dos professores. Nesse sentido esta pesquisa tem como objetivo relacionar as dificuldades na inclusão de crianças com TEA com a autoeficácia de professores do ensino fundamental e médio em escolas particulares. O estudo adota uma abordagem quantitativa, transversal e descritiva, com foco em professores de uma escola particular no norte do Paraná. Serão incluídos professores do ensino fundamental e médio, independentemente de experiência prévia com TEA, e excluídos aqueles que atuam com crianças em berçários. A coleta de dados será realizada por meio da Escala de Avaliação de Autoeficácia de Professores de Alunos com Autismo (ASSET), composta por 30 itens que avaliam a crença dos professores em sua capacidade de trabalhar com alunos com TEA. A escala será aplicada de forma autoaplicável, com pontuações variando de 0 a 5, e os dados serão coletados por e-mail e WhatsApp após autorização da coordenação escolar. A análise dos dados será feita através da tabulação em Microsoft Excel e distribuição de frequência com base nas pontuações da escala. Os resultados esperados incluem uma compreensão detalhada da autoeficácia dos professores e como esta influencia a inclusão e o atendimento de alunos com TEA.

PALAVRAS-CHAVES: Autismo; Autoeficácia; Professores.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é reconhecido pela American Psychiatry Association (APA) como um distúrbio do Neurodesenvolvimento, que surge na primeira infância e provoca dificuldades na comunicação e interação social (APA, 2014). Crianças com TEA podem exibir comportamentos como interesses limitados, fala repetitiva (ecolalia), vocabulário restrito, movimentos repetitivos, pouco contato visual, dificuldade em formar vínculos com outras crianças, dificuldade em entender emoções e aversão a mudanças de rotina (SILVA; ROCHA; FREITAS, 2018). Esses sintomas variam em intensidade de pessoa para pessoa, podendo ser notados desde o nascimento ou se tornarem mais evidentes ao longo do desenvolvimento infantil (SANTOS, 2020).

A inclusão de estudantes que fazem parte do público-alvo da Educação Especial (PAEE) é uma exigência atual na educação brasileira (BRASIL, 1996), mas ainda são necessários estudos que foquem na qualidade e permanência desses alunos nas escolas, assegurando-lhes acesso a um sistema educacional realmente inclusivo (BRASIL, 2015), onde a presença de crianças do PAEE não seja encarada como um desafio pelos educadores (SANINI; BACKES; BOSA, 2015).

Além disso, pesquisas indicam que as principais dificuldades estão relacionadas à formação insuficiente dos professores sobre as deficiências e suas necessidades



específicas de acessibilidade e aprendizagem, bem como à falta de adaptação das escolas e às atitudes negativas dos educadores (VITTA; VITTA; MONTEIRO, 2020).

Para que a criança seja estimulada em suas habilidades e atendida em suas necessidades educacionais, é crucial que as escolas atuem como espaços de intervenção, com professores preparados para trabalhar com crianças com TEA. A formação desses profissionais deve atender às suas necessidades educativas, contribuindo para a autoeficácia docente e permitindo a aplicação de práticas pedagógicas eficazes que promovam o desenvolvimento integral da criança (NUNES; ARAÚJO, 2014).

De acordo com ALBERT BANDURA (1997), a autoeficácia é definida como “a crença nas próprias capacidades para organizar e executar as ações necessárias para alcançar determinados resultados”. Sendo a percepção das pessoas sobre suas habilidades para realizar ações específicas, a autoeficácia pode influenciar seus sentimentos, pensamentos, motivações e comportamentos (BARROS; SANTOS, 2010).

A escola desempenha um papel essencial no desenvolvimento de todos os alunos, incluindo aqueles com TEA, ao proporcionar um ambiente que permite explorar suas habilidades e potencialidades. É crucial assegurar que o direito dos estudantes com TEA de aprender e se desenvolver seja garantido por meio de experiências adaptadas às suas necessidades individuais. Para isso, o professor deve estar capacitado para fornecer acesso aos conteúdos escolares apropriados para cada fase de aprendizagem. É fundamental que o professor possua uma autoeficácia adequada, sentindo-se seguro para planejar e implementar ações que promovam melhorias no contexto escolar, desde a adaptação das práticas pedagógicas até as modificações necessárias no ambiente escolar. Essas ações são vitais para a inclusão efetiva do aluno com TEA (MONTEIRO et al., 2020).

Nesse contexto, o objetivo deste estudo será relacionar as dificuldades na inclusão de crianças com TEA com a autoeficácia de professores do ensino fundamental e médio.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de enfoque quantitativo, do tipo transversal e descritivo. Para o presente estudo foi considerado professores do ensino fundamental e médio de duas escolas particulares localizada no norte do Estado do Paraná. Como critério de inclusão, foi considerado para a pesquisa professores que atuam no ensino fundamental e médio, independentemente de terem ou não experiência com crianças com TEA, desde que aceitem participar voluntariamente. Foram excluídos da pesquisa os professores que trabalham com crianças em berçários, com idades entre 4 meses e 1 ano e 11 meses, pois, embora o diagnóstico precoce seja crucial, a literatura indica que o diagnóstico de TEA costuma ocorrer tardiamente (ZANON; BACKES; BOSCA, 2014).

Para a coleta de dados, foi utilizada a Escala de Avaliação de Autoeficácia de Professores de Alunos com Autismo (Autism Self-Efficacy Scale for Teachers – ASSET). Desenvolvida por Ruble et al. (2013) e traduzida e adaptada culturalmente para o Brasil por Canabarro, Teixeira e Schmidt (2018), essa escala tem o objetivo de avaliar as crenças de autoeficácia dos professores especificamente em relação ao trabalho com alunos com TEA.

A escala é composta por 30 itens que abordam as crenças dos professores de Educação Especial sobre sua capacidade de realizar tarefas relacionadas ao ensino de alunos com TEA. É uma escala autoaplicável, onde os participantes devem pontuar de 0 a 5, com 0 significando “não posso fazer nada” e 5 significando “certamente posso fazer”. Os itens incluem questões sobre o nível de confiança dos professores em relação aos principais conhecimentos e habilidades necessários para atender adequadamente os alunos com TEA.



Para a coleta de dados, foi encaminhado à coordenação das escolas particulares selecionadas, a cópia do projeto e ofício, solicitando autorização para a realização da pesquisa. Mediante a autorização, foi solicitado a coordenação escolar, para que nas reuniões do conselho de classe fosse apresentado e encaminhado via e-mail e WhatsApp, pela autora do presente estudo, o formulário contendo todas as explicações sobre o estudo, o termo de consentimento livre e esclarecido e a Escala ASSET.

Será realizada a tabulação dos dados em uma planilha do Microsoft Excel, gerada automaticamente pela ferramenta do Google Forms. Os dados gerados na planilha do Microsoft Excel serão conferidos e organizados em relação à pontuação obtida em cada variável avaliada.

Para a análise dos dados descritivos, será feita a distribuição de frequência com base nas pontuações obtidas na Escala de Avaliação de Autoeficácia de Professores de Alunos com Autismo. Os resultados serão apresentados por meio de estatísticas descritivas, destacando a porcentagem de respostas em cada categoria através de gráficos e descrições dos resultados (SAMPLIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Este estudo foi submetido ao Sistema CEP/CONEP (Comitê de Ética em Pesquisa e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e aprovado.

2.1.1 Resultados e discussões

Espera-se que o estudo revele como a percepção de autoeficácia dos professores do ensino fundamental e médio em escolas particulares se relaciona com os desafios enfrentados na inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A análise dos dados deverá evidenciar tanto os fatores que contribuem para uma prática pedagógica inclusiva quanto as limitações enfrentadas no contexto escolar privado. Espera-se identificar lacunas na formação inicial e continuada dos docentes, assim como barreiras institucionais e pedagógicas que impactam a efetividade das estratégias inclusivas. Esses achados poderão subsidiar propostas de capacitação mais alinhadas às necessidades reais dos professores e orientar políticas educacionais voltadas à inclusão de alunos com TEA nas escolas particulares.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um espaço fundamental para o desenvolvimento das potencialidades de todos os alunos. O fortalecimento da autoeficácia docente emerge como uma ferramenta estratégica para a promoção de um ambiente verdadeiramente inclusivo. A presente pesquisa, ainda em fase de coleta de dados, propõe-se a colaborar com a compreensão e superação dos desafios vivenciados pelos professores na educação de alunos com TEA, estimulando reflexões e transformações práticas na realidade educacional.

REFERÊNCIAS

BANDURA, A. *Self-efficacy: the exercise of control*. New York: W.H. Freeman and Company, 1997.

BARROS, M.; SANTOS, A. C. B. dos. Por dentro da autoeficácia: um estudo sobre seus fundamentos teóricos, suas fontes e conceitos correlatos. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 10, n. 112, p. 1-9, mar. 2010.



BRASIL. Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*, Brasília, 2015.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2013a.

MONTEIRO, R. C. et al. Percepção de professores em relação ao processamento sensorial de estudantes com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 26, n. 4, p. 623-638, 2020.

NUNES, D. R. P.; ARAÚJO, E. R. Autismo: a educação infantil como cenário de intervenção. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, Arizona, n. 22, p. 1-14, 2014.

SAMPIERI, H. R.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. D. P. B. *Metodologia de pesquisa*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. 624 p.

SANINI, C.; BACKES, B.; BOSA, C. A. Transtorno do Espectro Autista e inclusão na educação infantil: qualidade da mediação e crenças de uma educadora sobre sua prática. In: OLIVEIRA, J. P.; ANTOSZCZYSZEN, S.; MATA, S. P.; SORIANO, K. R. (orgs.). *Educação Especial: Desenvolvimento Infantil e Processos Educativos*. Curitiba: CRV, 2015. p. 37-64.

SANTOS, C. P. Autismo: inclusão e desenvolvimento no ambiente escolar. In: CAMINHA, V. L. P. dos S. et al. (orgs.). *Autismo: Caminhos para a Inclusão*. Bogotá: Corporación Universitaria Iberoamericana, Editorial IbërAM, 2020. p. 119-133.

SILVA, W. N.; ROCHA, A. N. D. C.; FREITAS, F. P. M. Perfil de crianças com transtorno do espectro autista em relação à independência nas atividades de vida diária. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, Marília, v. 5, n. 2, p. 71-84, 2018.

VITTA, F. C. F.; VITTA, A.; MONTEIRO, A. S. R. Percepção de professores de educação infantil sobre a inclusão da criança com deficiência. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 16, n. 3, p. 415-428, 2010.

ZANON, R. B.; BACKES, B.; BOSA, C. A. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 25-33, 2014.